



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO  
COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ESCOLA ESTADUAL  
PADRE EDMUND KAGERER.**

FRANCISCA NELSONETE DOS SANTOS

CAICÓ-RN

2016

FRANCISCA NELSONETE DOS SANTOS

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM ALUNO  
COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ESCOLA ESTADUAL  
PADRE EDMUND KAGERER.**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da professora Dda. Ivone Braga Albino.

CAICÓ-RN

2016

**PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO PROCESSO DE INCLUSÃO DE UM  
ALUNO COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA ESCOLA  
ESTADUAL PADRE EDMUND KAGERER.**

**Por**

**FRANCISCA NELSONETE DOS SANTOS**

Artigo Científico apresentado ao Curso de Pedagogia, na modalidade a distância, do Centro de Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Ms. Ivone Braga Albino (Orientadora)- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Profa. Ms. Eliana Rodrigues Araújo- Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Profa. Ms. Maria do Socorro Nascimento de Melo- Secretaria da Educação e da Cultura do Rio Grande do Norte

# **Práticas pedagógicas no processo de inclusão de um aluno com Transtorno de Espectro Autista (TEA) na Escola Estadual Padre Edmund Kagerer<sup>1</sup>**

Francisca Nelsonete dos Santos<sup>2</sup>

## **RESUMO**

O seguinte artigo é resultante de uma pesquisa exploratória com ênfase em um estudo de caso, no qual foram utilizadas observações e entrevistas com a professora e a coordenadora pedagógica de um aluno com Transtorno de Espectro Autista (TEA) em uma sala de aula do 4º ano do Ensino Fundamental, do ensino regular, na Escola Estadual Padre Edmund Kagerer. Objetivou, portanto, verificar quais as práticas pedagógicas voltadas para o processo de inclusão de um aluno com TEA e quais as dificuldades encontradas para que a professora as efetivasse, diante das condições pedagógicas possíveis para um trabalho voltado para a inclusão no processo de ensino e aprendizagem com esse tipo de transtorno. Diante da investigação ficou claro que a professora sentia dificuldade de incluir o aluno com TEA por falta de conhecimento de suas necessidades específicas e das práticas a serem utilizadas para incluí-lo em sala de aula. Foi observado que, pelo fato de o aluno, estudo de caso, possuir grau leve, a prática pedagógica efetivada na sala de aula parecia não necessitar de trabalho diferenciado, pois, este, sentia-se incluído e gostava das atividades de forma igualitária aos outros alunos. No entanto, a escola, lócus observado, ainda necessitava compreender o conceito de inclusão escolar e o conceito de TEA e suas especificidades visando à promoção da inclusão no ensino regular.

**Palavras- chave:** Inclusão Educacional. Autismo. Ensino Regular. Práticas Pedagógicas

## **Pedagogical practices the process of inclusion of a student with Autistic Spectrum Disorder (ASD) in the State School Father Edmund Kagerer.**

### **ABSTRACT**

This article is the result of an exploratory research with an emphasis on a case study, in which observations and interviews were used with the teacher and educational coordinator of a student with Autism Spectrum Disorder (ASD) in a 4th year classroom of the Elementary education, regular education, of the Father Edmund Kagerer State School. therefore the objective are check which are the pedagogical practices focused on the process of inclusion of a student with ASD and that the difficulties encountered by the teacher to apply them, given the possible pedagogical conditions for facing work for inclusion of people with this type of disorder in the process of teaching and learning. Before the investigation it became clear that the teacher had difficulty to include the student with ASD by lack of knowledge of their specific requirements and of practices to be used to include it in the classroom. It was noted that due the student, case study, have mild degree of ASD, pedagogical practice used in the classroom it did not seem to need change, once the learner felt included and enjoyed the activities like others students. However, the school observed, still need to understand the concept of educational inclusion and of ASD and its specificities for the promotion of inclusion in mainstream education.

**Keywords:** Inclusive Education. Autism. Regular Education. Pedagogical Practices

---

<sup>1</sup> Artigo apresentado ao componente curricular Orientação de Trabalho de Conclusão de Curso- TCC como requisito parcial para a obtenção de licenciado em Pedagogia.

<sup>2</sup>Aluna do curso de Pedagogia a distância da Universidade Federal do Rio Grande do Norte/ UFRN, polo Caicó/RN.

## Introdução

Os achados de uma pesquisa, a ser discutidos neste artigo, são resultados da investigação sobre as práticas pedagógicas voltadas para o processo de inclusão de um aluno com Transtorno de Espectro Autista (TEA) na escola regular. A referida investigação buscou abrir caminhos e possibilidades de discussão sobre as dificuldades encontradas pelo professor diante da disponibilização de condições pedagógicas possíveis para inclusão desse aluno que apresenta necessidade educacional especial e, portanto, condições diferenciadas de trabalho educativo.

A referida pesquisa teve o intuito de mostrar dados coletados no processo de ensino e de aprendizagem utilizados na prática pedagógica de uma professora do 4º ano do Ensino Fundamental, da Escola Padre Edmund Kagerer, situada na Rua Edmilson Rodrigues de Paula, nº 01, bairro Maynard, Caicó/ RN, para incluir o aluno Mário<sup>3</sup>, de nove anos, diagnosticado com TEA, de grau leve, no processo de ensino e aprendizagem

Diante disso, o tema desse artigo científico é basicamente voltado para a inclusão educacional, considerando-se as práticas pedagógicas no processo de inclusão de um aluno com TEA. Trata-se de uma pesquisa exploratória, com ênfase em um estudo de caso e utilização de observação em sala de aula. O autor GIL (2010, p.37) explica que o estudo de caso:

É uma modalidade de pesquisa amplamente utilizada nas ciências biométricas e sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados. Nas ciências biométricas, o estudo de caso costuma ser utilizado tanto como estudo-piloto para esclarecimento de campo de pesquisa em seus múltiplos aspectos quanto para a descrição de síndromes raras, seus resultados, de modo geral, são apresentados em aberto, ou seja, na condição de hipóteses, não de conclusões.

Nesse sentido, o estudo de caso permitiu obter mais conhecimentos sobre como se davam as práticas pedagógicas voltadas para o processo de inclusão desse aluno. Diante

---

<sup>3</sup> Nome fictício

dessa perspectiva, foi pertinente ter uma conceptualização mais ampla sobre inclusão e transtorno do autismo, para um melhor aprofundamento da pesquisa realizada.

Em relação à observação da dinâmica escolar de sala de aula, constituiu-se como elemento fundamental para o processo de pesquisa. Ainda Gil (1987) nos diz que a observação como técnica de coleta de dados pode ser utilizada como procedimento científico, à medida que “serve a um objetivo formulado da pesquisa; é sistematicamente planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais; e é submetida à verificação e controles de validade e precisão” (p. 104). Vejamos, pois, que a observação das práticas pedagógicas voltadas para a inclusão do aluno, mais precisamente o aluno do 4º ano que foi observado, validaram a existência de práticas ou não, no lócus da pesquisa, que atendessem ao processo de inclusão do aluno com autismo.

Nesses termos, a pesquisa serviu para identificar se a escola, lócus observado, necessitava compreender o conceito de inclusão escolar, se o conceito de autismo e suas especificidades precisavam ser mais bem compreendidos pelo corpo docente, discente e administrativo da escola, se existiam poucas práticas pedagógicas na escola voltadas para os alunos com transtorno de espectro autista, e, se a escola estava adequada para o aluno autista com adaptações e outros fatores que pudessem promover a inclusão deste no ensino regular.

Diante da perspectiva de que os desafios são postos, estes podem proporcionar uma oportunidade de escolarização para alunos com problemas de desenvolvimento, como as pessoas com TEA, ou podem vir a tornarem-se complicados, devido à maneira contraditória de se colocar em prática a educação inclusiva (por esta tornar-se, na maioria das escolas do ensino regular, uma educação inclusiva simbólica). Para um melhor entendimento das especificidades de inclusão do aluno com TEA foi utilizada a técnica de entrevista (com a professora e com a coordenadora pedagógica da escola) para um melhor entendimento de como esse processo inclusivo acontece no interior da escola, lócus da pesquisa. GIL, (2010, p. 120) aponta a importância da coleta de dados mediante entrevista em um estudo de caso definindo que:

A definição da modalidade de entrevista, que pode ser: aberta (com questões e sequência predeterminada, mais com ampla liberdade para responder), guiada (com formulação e sequência definidas no curso da entrevista), por pautas orientadas por uma relação de pontos de interesses que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso) ou informal (que se confunde com uma simples conversação).

A referente pesquisa exploratória, portanto, foi guiada por um estudo de caso e pela efetivação de entrevistas, com questões abertas e sequências predeterminadas, com ampla liberdade de respostas a fim de colher dados que contribuíssem na fundamentação do presente artigo científico, visando discutir inclusão educacional, por meio de práticas pedagógicas utilizada com alunos com TEA.

### **A escola, estudo de caso**

A Escola Estadual Padre Edmund Kagerer, teve esse nome em homenagem ao Padre Edmund Kagerer Sacerdote da Diocese de Lins (Áustria), nascido em 02 de setembro de 1937, na cidade de Oberkappel, que veio para o Brasil servir a Igreja Diocesana de Caicó, em novembro de 1969, sendo ele o idealizador de três grandes obras na cidade de Caicó: a instituição das Aldeias SOS, o colégio Santo Estêvão diácono renomeada Escola Estadual Padre Edmund Kagerer e Paróquia Santo Estêvão Diácono, todas localizadas no Bairro Castelo Branco, o que ocasionou desenvolvimento da população da zona leste de Caicó/RN sendo fundada em 30 de Dezembro de 1976 e sendo renomeada a partir de um abaixo assinado no ano de 2005, os referidos dados foram colhidos do (PPP), projeto político pedagógico da escola. A referida escola está situada na Rua Edmilson Rodrigues de Paula nº 01, Bairro Maynard e tem em seu entorno os bairros, Castelo Branco, Nova Descoberta, Canutos e Filhos, Vila Altiava, Santa Costa, Santa Clara, Graciosa e Itans.

A maioria dos alunos que frequentam a esta escola pertence a famílias de baixa renda, gerenciados com pais com baixos salários. A Escola Estadual Padre Edmund Kagerer está instalada num prédio com área de 99m<sup>2</sup> e conta com as seguintes dependências, 06 salas de aula 01 sala de multimídia, 01 biblioteca, 01 laboratório de informática, 01 secretaria, 01 arquivo 01 sala de diretoria, 01 sala de tv/vídeo, 01 sala de professores, 01 sala multifuncional, 01 cozinha, 01 depósito para merenda escolar, 01 área livre para a merenda, 02 piscinas, 02 banheiros para os alunos e 02 para os funcionários. O prédio é recente, com um projeto arquitetônico moderno e existem rampas para a acessibilidade física.

Atualmente a escola oferece para as comunidades o Ensino Fundamental (EF), de 09 anos, a partir do 2º ano, e a modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA), em 08 períodos, atendendo nos turnos matutino, vespertino e noturno. No ano de 2016, atende 265 alunos ao todo, sendo 183 alunos do EF do 2º ao 9º ano e 82 alunos de EJA.

A escolha de diretores é feita de forma democrática a cada dois anos, sendo escolhidos por meio do voto da comunidade escolar (professores, funcionários e alunos que tenham a partir de 12 anos), e pais. A referida escola teve 4 diretores, por meio de votação, desde 2005 até 2016, pois antes a escolha não era feita de forma democrática, por meio do voto, por isso não foram repassados os dados.

A equipe pedagógica e funcionários da referida escola é composta por gestor, vice-diretor, coordenador, administrador financeiro, coordenador pedagógico, secretária geral, auxiliar de secretaria, digitadora, auxiliar de merenda, merendeiras, bibliotecário, porteiro e auxiliar de serviços gerais, (ASG).

Conforme o projeto político- pedagógico (PPP) da Escola Estadual Padre Edmund Kagerer, a missão da escola é assegurar ensino de qualidade formando cidadãos críticos, conscientes e participativo, capazes de interagir na realidade de seu espaço de conhecimento e cultura pesquisa e criatividade, onde o aperfeiçoamento constante favoreça o aprimoramento da formação pedagógica e técnico-científica de forma a mudar as condições desfavoráveis que os alunos nasceram a responder as necessidades emergentes da sociedade.

A Escola Estadual Padre Edmund Kagerer dispõe no ano de 2016 de 20 professores, tendo como órgão mantenedor o governo do Estado do Rio Grande do Norte, atualmente tem um diretor e alguns projetos desenvolvidos: Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE), Programa Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/UERN), Programa Pacto Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), Programa de Intervenção Pedagógica (PIP) e o Programa Mais Educação (PME).

Os documentos que contam a história da escola Padre Edmund Kagerer não foram disponibilizados para registro, somente informações retiradas do Projeto Político Pedagógico (PPP).

### **Conceituando Transtorno do Espectro Autista (TEA).**

De acordo com Mari (2016) o Transtorno do Espectro Autista, (TEA), trata de uma junção de todos os distúrbios do autismo, incluindo o Transtorno Autista, Transtorno Desintegrativo da Infância, Transtorno Generalizado do Desenvolvimento (PDD-NOS) e Síndrome de Asperger, tornando um só diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Esse diagnóstico geral, para uma melhor compreensão de um grupo de desordens complexas



do desenvolvimento do cérebro, tem como características a dificuldade na comunicação social e comportamentos repetitivos. Todas as pessoas com TEA apresentam essas mesmas especificidades, só que com intensidades diferentes.

O aluno observado apresenta algumas dessas características, mas com pouca intensidade, por se tratar de um grau leve do autismo infantil. Ele consegue se relacionar e interagir com a turma e com a professora, se comunica com os colegas e com a professora de forma pouco perceptível em sua síndrome. É notável os seus movimentos repetitivos e insegurança ao responder as atividades.

O TEA pode ser associado com a deficiência intelectual, especificidades com relação à coordenação motora e de atenção e às vezes as pessoas com esse transtorno tem problemas de saúde física, apresentam dificuldades de aprendizagem em diversos estágios da vida, desde a participação no convívio escolar, aprender atividades do dia a dia. E enquanto algumas pessoas com TEA podem levar sua vida relativamente “normal”, outras poderão precisar de apoio especializado ao longo da toda a vida.

Em se tratando de problemas de saúde relacionados a esta síndrome o aluno observado apresenta poucos problemas relacionados. Ele tem coordenação motora relativamente “normal” e não apresenta quadro depressivo, porém um pouco de déficit de atenção, mas logo fica atento à aula, apresentando ser uma criança feliz. Na entrevista, a professora relatou ter poucas informações dos pais em relação à sua necessidade especial, não sabendo se ele toma medicamentos e o pouco que sabe sobre o seu aluno ela vai aprendendo com a convivência. Foi observado que, aparentemente, o aluno em foco, vive relativamente “normal”, como qualquer outra criança, com suas especificidades, não tem apoio especializado no âmbito escolar.

Para um melhor entendimento podemos dizer que a criança que nasce com TEA torna-se um adulto com TEA, e cada caso, se torna único e todos podem aprender. Eles podem desenvolver habilidades visual, musical, artística e o aprendizado da Matemática.

O aluno observado apresenta habilidades com artes, português e pouca habilidade em matemática, por apresentar pouca dificuldade em aprender a partir de material concreto (como o material dourado), e dificuldade de trabalhar em grupo, pois este recurso didático e outros materiais concretos auxiliam no apoio às especificidades do aprendizado da matemática, e é aplicado em grupo na sua sala de aula, conforme ficou constado em seu relatório do ano de 2015, segundo a professora.

O aluno, observado na escola lócus da pesquisa, iniciou o ano letivo lendo, e escrevendo palavras com erros nas sílabas complexas. Mediante relatos da família, o mesmo tem TEA de grau leve, entretanto, seu desenvolvimento é muito bom, lê com facilidade, porém, mostra-se inseguro quando vai escrever palavras com ss, rr, ch, m, n. Ele tem acompanhamento na Associação de Pais e Alunos Excepcionais (APAE) e ajuda da família. Em relação à leitura de textos é fluente, constrói pequenos textos, classifica as palavras no plural, singular, masculino e feminino. Foi observado que em no aprendizado da matemática, conhece as formas geométricas, efetua as operações e situações- problema simples. No aprendizado das ciências identifica os animais domésticos, selvagens, órgãos dos sentidos e suas funções. Conhece os meios de transportes e comunicação existentes na cidade. Nas artes demonstrou ser criativo em suas atividades. Compreende que há diversidades de religiões e gosta de participar das aulas de educação física.

Pode-se dizer, então, que a criança com TEA pode sim desenvolver habilidades visuais, artísticas, musical, de raciocínio lógico e apresentam um bom desenvolvimento na aprendizagem visualmente, pois quando algo lhes chama a atenção realizam com muita atenção e perfeição. Grande parte das pessoas com TEA tem memória acima da média, fixando informações e rotinas. Portanto, conseguem estudar, trabalhar em áreas de seus interesses. A rotina é fator favorável para habilidades na área educacional, quanto para a trabalhista.

Diante do relato da professora da escola regular, com relação ao aluno observado, ressalta-se que o aluno depende de uma rotina para um bom desempenho no seu dia a dia e em seu aprendizado, pois, quando sai de sua rotina diária tudo sai do controle e volta à estaca zero, fazendo com que o aluno perca o controle e diminua o seu desempenho educacional já adquirido na escola. Segundo BAPTISTA; BOSA (2002, p.13).

Foi essencial observar a mudança do grupo na forma de conceber o autismo, acreditamos que, antes de tudo, falávamos de pessoas tão iguais a todo mundo e, ao mesmo tempo, tão peculiares em forma de ser. Aproximamo-nos da igualdade à medida que reconhecemos as diferenças e fazemos dessas um meio de transformação e não um fim.

Em se tratando de reconhecer as diferenças, levando para o convívio educacional, trata-se de respeito ao outro, respeitar seus limites e diversidades, isso faz pensar em

mudanças nas práticas educativas, nas quais a escola, também por parte da professora, deve desenvolver práticas pedagógicas diferenciadas que possibilitem que o aluno com TEA não se sinta diferente e sim reconhecido como pessoa que aprende e que o propósito escolar seja que o aluno aprenda juntamente com a turma.

Segundo JUNIOR (2016), o conceito de TEA pode ser dividido em dois grupos: o de baixo e o de alto funcionamento. Baixo funcionamento é aquele que há uma limitação intelectual, com dificuldade cognitiva e pouca melhora clínica. Alto funcionamento é quando a pessoa apresenta atraso na fala, fala na terceira pessoa e tem dificuldades na interação social, porém, consegue avanços quando alfabetizada, conseguindo dialogar usando o pronome “EU”, demonstrando uma inteligência normal, incluindo-se as pessoas com Síndrome de Asperger (AS). Tratando de um melhor entendimento sobre o diagnóstico de Síndrome de Asperger JUNIOR (2016), sinaliza que

os que são afetados pela Síndrome de Asperger raramente chegam ao consultório para diagnóstico antes dos 6 anos, pois os prejuízos não são evidentes nem importantes antes dessa idade, diferentemente dos indivíduos do outro grupo, em que os déficits de desenvolvimento no psiquismo global geralmente já estão presentes desde o nascimento/primeiro ano de vida. Ou seja, tanto os afetados pelo Transtorno do Espectro do Autismo de Baixo Funcionamento (TEABF) como os afetados pelo Transtorno do Espectro do Autismo de Alto Funcionamento, não Síndrome de Asperger (TEAAF não AS), são diagnosticados por volta dos três anos (s/p).

Diante desse entendimento do que é TEA, os graus existentes e outros fatores essenciais na vida de quem possuem esse transtorno foi verificado que Mário teve seu diagnóstico de TEA realizado quando tinha 5 (cinco) anos de idade, apontado como sendo de grau leve, mais precisamente como sendo a Síndrome de Asperger. Estas informações foram concedidas por meio das entrevistas realizadas com a coordenadora pedagógica da escola e da atual professora que desenvolve sua prática pedagógica com esse aluno em destaque.

Como foi citado anteriormente, durante a observação desse aluno com TEA na sala de aula regular, foi observado que ele acompanhava o ritmo normal das aulas respeitando-se os seus limites. Este realizava as atividades igualmente com os outros alunos, sua síndrome quase não era percebida, só precisando de apoio da professora na hora de responder

as questões por não ter segurança para isso, chegando a interferir um pouco no curso normal da aula nos dias de prova e avaliações, pois os alunos ficam esperando a hora da professora dar apoio a este aluno, ao utilizar sua prática inclusiva como meio de atender as dificuldades do aluno para responder as atividades propostas.

Diante dessa especificidade foi relatado pela professora, em conversa informal, que a mesma necessita do apoio pedagógico da escola, pois percebe pouco resultado quanto ao melhor aprendizado do aluno com TEA. Em sua prática pedagógica afirma que procura, de forma autônoma, em cursos, pesquisas na internet, etc. algum conhecimento a mais que venha a ajudá-la a incluir esse aluno no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

É de suma importância compreender os diferentes tipos de TEA, pois, ajuda aos professores e pais a trabalharem as expectativas e desafios escolares apresentados por quem tem as dificuldades apresentadas. A intervenção precoce e o tratamento com a ajuda de vários profissionais faz melhorar o desenvolvimento de uma criança, não importando qual o tipo de transtorno do autismo que ela apresenta.

### **Breve panorama histórico sobre inclusão desde a idade média**

Ramos (2010), num breve panorama histórico, a partir da idade média, ressalta que as pessoas com deficiência (aqui incluímos as pessoas com deficiência intelectual) eram vistas como uma manifestação do mal, um castigo, uma provação, e por isso eram condenadas até a morte. Nessa situação as deficiências decorriam do sentimento de segregação, medo, vergonha e discriminação (pelos familiares, escola e de toda a sociedade). No atendimento escolar dos anos de 1980 desenvolveu-se a prática da integração na qual a criança com deficiência passava um período na escola regular e outro período na escola especial e mesmo assim eram tratados como doentes pela sociedade. Na maioria das vezes não continuavam na escola devido o despreparo dos professores e até mesmo por repressão dos pais das outras crianças que não queriam que seus filhos estudassem onde um deficiente estudava, sendo essa criança separada até na hora do lanche. Vê-se, portanto, que tal atitude tornava as crianças excluídas por uma escola cuja sociedade também era excludente.

Nos anos de 1990, surgiu um novo conceito para a inclusão oportunizando às crianças com deficiência o contato com o meio oferecido pelo ensino da escola regular, sem restrições, deixando-as desenvolverem-se mais amplamente em suas capacidades com determinadas limitações. Para SASSAKI, (2016) inúmeros foram os termos utilizados para

identificar a pessoa com deficiências como: inválidos, aleijados, defeituosos, incapacitados, incapacitado residual, os excepcionais, pessoas deficientes, pessoas portadoras de deficiências, crianças especiais, pessoas especiais e no momento pessoas com deficiências, e educandos com deficiências.

### **Definindo inclusão**

Para AQUINO (2016), a inclusão é “um conjunto de meios e ações que elimina a exclusão, ocasionada pelas diferenças de classes sociais, idade, sexo, educação, escolhas sexuais, deficiência, preconceitos raciais, religioso” (s/p). O objetivo da inclusão social é de oferecer oportunidades de acesso a tudo para todos. Para ela, todos os sistemas devem ser inclusivos, devendo haver melhoria no processo de inclusão social, na educação, no trabalho, no lazer, nos transportes etc., pois, sabemos que todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Nesse sentido, todos os seres humanos são dotados de razão e de consciência e devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Tratando sobre a inclusão educacional, esta é um processo que dar o direito à participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, se configurando na diversidade inerente à espécie humana, buscando atender as necessidades educacionais especiais de todos os alunos, de tal forma que venha a promover aprendizagem e desenvolvimento pessoal para todos os envolvidos no processo de inclusão educacional. Assim reforça a Declaração de Salamanca.

a Declaração de Salamanca ampliou o conceito de necessidades educacionais especiais, incluindo todas as crianças que não estejam conseguindo se beneficiar com a escola, seja por que motivo for. Assim, a ideia de “necessidades educacionais especiais” passou a incluir, além das crianças portadoras de deficiências, aquelas que estejam experimentando dificuldades temporárias ou permanentes na escola, as que estejam repetindo continuamente os anos escolares, as que sejam forçadas a trabalhar, as que vivem nas ruas, as que moram distantes de quaisquer escolas, as que vivem em condições de extrema pobreza ou que sejam desnutridas, as que sejam vítimas de guerra ou conflitos armados, as que sofrem de abusos contínuos físicos, emocionais e sexuais, ou as que simplesmente estão fora da escola, por qualquer motivo que seja. (MENESES; SANTOS 2016).

Também é assegurada a inclusão de alunos com deficiência na atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB), 9.394/96 quando trata do atendimento especializado, em seu artigo 4º, § 3, “atendimento educacional especializado gratuito aos educandos com necessidades especiais, preferencialmente na rede regular de ensino (BRASIL, 1996, p. 2).

Diante dessas informações anteriormente descritas por Aquino (2016) e Meneses; Santos (2016), é inegável os avanços quantitativos e qualitativos ocorridos na inclusão educacional de alunos com deficiência (s), incluindo-se os alunos com TEA, no entanto, mesmo com tais avanços, a escola ainda não está preparada para acolher e incluí-los, e assim, a inclusão, de fato, raramente acontece e a escola continua sendo excludente. De acordo com RAMOS; (2010, p. 42- 43):

o preparo de todos os funcionários da escola é o que proporciona o êxito da inclusão. De nada adianta o professor ser capacitado a desenvolver seu trabalho se aqueles que estão no entorno não se apercebem do processo. Crianças com transtornos mentais – os autistas por exemplo – tem dificuldade de permanecer em ambientes fechados como a sala de aula. Costumam andar pela escola aparentemente sem rumo. Aparentemente porque suas andanças são seu modo de interagir com o ambiente. No momento “aprendendo” de modo diferenciado.

Na entrevista a professora de Mário relatou que é graduada em Pedagogia, mas não é especialista em educação inclusiva. Ela demonstrou que falta apoio por parte da escola e por parte do apoio pedagógico com relação à inclusão necessária desse aluno com TEA em sua sala de aula e em horários de educação física, pois não tem o apoio de algum profissional auxiliar de aluno, mesmo havendo dois alunos diagnosticados com deficiência em sua sala.

Diante dessas informações foi relatado pela coordenação pedagógica perante a seguinte pergunta: a escola dispõe de projetos que ajudam no processo de ensino e aprendizagem do aluno com transtorno autista? Foi respondido pela coordenadora que existe na escola a professora da sala de recursos multifuncional do projeto de Atendimento Educacional Especializado (AEE), no horário contrário ao que o aluno estuda, mas ele não participa por fazer parte da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).<sup>4</sup> Sobre

---

<sup>4</sup>No dia 23 de março, a APAE/ Caicó comemorou 44 anos desde a sua fundação em 23 de março de 1972, prestando serviços para crianças, jovens e adultos com alguma necessidade especial, atendendo hoje a 298 alunos atendidos, sendo 31 de outras cidades do Seridó. Situada na Rua Zeco Diniz, 1361 – Penedo, Caicó – RN, 59300-000.

essa associação Mazzotta (1999, p. 46), sinaliza que no dia 11 de dezembro de 1954, foi fundada, na cidade do Rio de Janeiro, a primeira APAE, tendo como seu primeiro presidente o Almirante Henry Broadbent Hoyer e o apoio do Governo Federal, através do presidente Castelo Branco.

Diante dessa questão, foi observado que o aluno com TEA não participava realmente do AEE, devido esse acompanhamento na APAE. À professora foi perguntado se o serviço oferecido pela APAE ajudava no processo de ensino e de aprendizagem do seu aluno. Segundo o seu relato, sem dúvida, o acompanhamento que o educando fazia diferença no seu desenvolvimento, por ser acompanhado por diversos profissionais especializados para desenvolver todas as áreas que precisam ser estimuladas.

Com relação ao primeiro contato com o aluno disse a professora que foi muito difícil de enfrentar todas as especificidades para a inclusão deste, devido ter poucas informações sobre o que era autismo e como iria incluir, de fato, esse educando com deficiência na sala de aula regular. Diante disso, procurou ajuda na coordenação pedagógica, que, naquele momento, estava sem esse acompanhamento no referido horário que o aluno estuda, dificultando mais ainda o seu processo de inclusão. Na questão: para você, qual a maior dificuldade de permanência, com sucesso, do aluno autista nesta escola? A resposta foi que a maior dificuldade era, sem dúvida, a falta de informação, por parte de todos que fazem parte da escola, de como saber proceder para ajudar o aluno a avançar e superar os obstáculos da escola em relação ao TEA. Seria mais coerente com a lei da inclusão se os profissionais recebessem ao menos uma formação básica, da necessidade especial do educando, que chegasse a estudar nesta escola, já que os professores e coordenação têm como saber com antecedência, pois as matrículas dos alunos com deficiência (s) acontecem antes dos demais alunos.

A Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, sancionada por Dilma Rousseff, institui a Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e altera o § 3º do art. 98 da Lei 8112, de 11 de dezembro de 1990. Esta medida faz com que as pessoas com Autismo passem a ser considerados oficialmente pessoas com deficiência, tendo direitos às políticas de inclusão do país, entre elas, às de educação, punindo qualquer gestor, ou autoridade, que recusar a matrícula de alunos com Transtorno do Espectro Autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, sendo punido com multa de três a vinte salários mínimos e se reincidir haverá a perda do cargo.

Sabemos que, para acontecer a inclusão do aluno com TEA, na escola regular, não basta só uma aprovação de uma Lei, que por sinal é muito bonita no papel, devendo sim haver um maior interesse em rever as políticas públicas atuais, de modo que, venham a garantir aos educadores, como observado no relato da professora, que aconteçam os conhecimentos e a formação continuada, necessários para que a escola não sirva apenas de depósito para esse aluno ao ser matriculado na escola regular, e sim que seja garantido seu direito de um processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

Feito essas considerações, diante da aprovação de uma lei, que dá o direito da criança com TEA estudar em uma escola regular, não torna simples a real inclusão, pois matricular, ou não, o aluno, ainda existe a falta de conhecimento sobre o transtorno e suas especificidades, para que os profissionais da referida escola possam lidar com isso e com outras deficiências ou qualquer outro tipo de diversidade. Assim, a criança fica exposta a uma segregação, pois, a escola não está preparada para lidar com essa situação. A resposta da coordenadora pedagógica, quando lhe foi perguntado qual seria a dificuldade de inclusão do aluno com TEA na referida escola, foi que, por ser uma situação nova na escola, não havia capacitação para a professora trabalhar com esse aluno, mesmo assim, por conta própria, ela pesquisava, na internet, algumas práticas pedagógicas para melhor inclui-lo em sala de aula. Reforçando essa ideia os autores Glat; Blanco (2007, p. 28), ressaltam que:

Para que uma escola se torne inclusiva, deverá haver o reconhecimento de que alguns alunos necessitarão mais de que outros de ajudas e apoios diversos para alcançar o sucesso de sua escolarização. Essa postura representa uma mudança na cultura escolar. Pois, sem a organização de um ambiente mais favorável ao atendimento das necessidades dos alunos que precisam de estratégias e técnicas diferenciadas para aprender, qualquer proposta de Educação Inclusiva não passa de retórica ou discurso político.

Foi observado, portanto, que na escola, lócus da pesquisa, a professora procurava “se virar”, procurando sempre leituras sobre o TEA, para, assim, melhor entender e lidar com as dificuldades de inclusão de seu aluno. Na condição de grau leve, ele conseguia realizar as atividades da mesma forma que os outros alunos, no entanto, quando avaliado, as dificuldades dele e da professora precisavam de maiores conhecimentos em suas especificidades, e que deviam ser respeitadas. Via-se, portanto, que as práticas pedagógicas,



utilizadas pela professora, careciam de mais estudos, ficando o aluno com TEA sem atividades diferenciadas.

### **Práticas pedagógicas voltadas para o aluno autista**

Como sabemos práticas pedagógicas inclusivas são procedimentos utilizados pela professora em sala de aula de maneira organizada dando a oportunidade de resultados positivos diante de ações adequadas para obter objetivos. Para que isso aconteça deve existir a participação do professor por meio de ações que darão subsídios para melhores resultados no aprendizado, de forma positiva. Sabe-se, pois, que deve haver um planejamento por parte do professor para que seja colocada em prática estratégias pedagógicas inclusivas, permitindo, assim, que o aluno fique em contato direto com o mundo social em que vive. Não é que exista uma fórmula correta de incluir esse aluno. O que pode existir são procedimentos de ensino que devem estar adequados à realidade de cada aluno, de forma que venham a incluir esse educando com deficiência no processo de ensino e aprendizagem, respeitando sempre o tempo de aprendizagem de cada um, diante da criticidade e criatividade no seu cotidiano educacional e social.

Nessa perspectiva, foi perguntado à professora: o que você faz para ajudar o aluno com TEA a superar os obstáculos existentes no aprendizado? Para ela, o primeiro passo era entender o que era transtorno leve e suas características, para, depois, adaptar o plano de trabalho para ajudar no desenvolvimento do aluno. “Não posso dizer que foi fácil, ou que esteja sendo fácil, mas, vejo que a cada dia, juntos, aprendemos um com o outro (eu aprendo mais com ele) e assim seguimos com nossas descobertas e aprendizagens” (relato da professora entrevistada).

Diante disso, sabe-se que, ao se falar em uma pessoa com TEA, geralmente se pensa em uma pessoa que possui algum tipo de retardo, com poucas palavras, que não é inteligente e que não desenvolva a linguagem, falada e escrita, é certo que, em alguns casos, algumas dessas ou todas as características estejam presentes nessas pessoas com esse transtorno, mas nem todos são assim. É necessário dar a oportunidade a criança interagir com outras pessoas ou com o ambiente, para saber, de fato, se ela tem ou não déficit de aprendizado. Foi notório no trabalho investigativo aliado à literatura que trata sobre o tema, que algumas pessoas com TEA possuem inteligência acima da média, e que outros alunos não, e existem casos extremos que precisam ser tratados com cuidados específicos.

Ainda, para um bom desempenho na prática pedagógica do professor é necessário que haja uma afetividade entre ele e o aluno, pois, o que se ensina precisa fazer sentido, chamar a atenção do aluno, despertando seu interesse pela aula, é necessário, portanto, conhecer e mergulhar nos afetos do aluno com alguma necessidade específica de aprendizado, descobrindo o que mais lhe interessa, seus desejos, suas possibilidades e habilidades, suas dificuldades, para, assim, conhecê-lo bem. Nesses termos, o professor precisa conhecer quais as habilidades que seu aluno possui e quais ele precisa adquirir, e, a partir daí, escolher os recursos/materiais adequados para enriquecer a sua prática pedagógica promovendo a inclusão deste nos momentos de ensino e aprendizagem.

Diante dessas informações, vale salientar que para que isso aconteça é necessário a interação da mãe ou outro responsável pelo aluno com a professora, pois, ninguém melhor que a família para conhecer esse aluno. Foi perguntado à professora: o que a família faz para ajudar o aluno autista a superar os desafios existentes no aprendizado? Foi obtida a seguinte resposta: a família se faz presente em determinadas ocasiões, como nas realizações das atividades para casa, por outro lado, falta um pouco de diálogo com a equipe da escola a respeito das perspectivas que eles têm em relação à aprendizagem do filho, como também, no início do ano, uma conversa sobre a rotina de casa do aluno. Se os pais informam algo, como exemplo, se o aluno faz uso de medicamento, isto, já leva à reflexão do porquê disto facilitando o trabalho pedagógico. Martins (2006, p.113) explica a importância da motivação para chamar a atenção do aluno em sala de aula:

no caso de êxito escolar, as explicações se prendem à inteligência do aluno, sua atenção de estudo e interesse, seu nível de condição de estudo, ambiente escolar favorável, as leituras, desempenho positivo do aluno, métodos do professor. Nas considerações sobre o fracasso escolar, mostram-se sempre as dificuldades subjetivas do aluno, diante das exigências das tarefas. Desmotivação e falta de disposição para o trabalho escolar e, muitas vezes, citam-se as situações de inteligência inferior. A metodologia quase sempre é esquecida. Nos dois aspectos da aprendizagem, fatores diversos devem servir de base para analisar e se determinar o êxito ou o fracasso, inclusive os fatores emocionais, geralmente relegados.

Para um melhor entendimento pode-se dizer que nem sempre se presta a atenção nas dificuldades apresentadas pelo aluno. Se o problema do déficit no aprendizado diz respeito

à falta de interesse, ou se as práticas pedagógicas do professor não estão sendo atrativas e não motivam o aluno a gostar da escola, o aluno com TEA vai ser prejudicado, pois, é característica o desvio de sua atenção rapidamente das coisas que não chamam a sua atenção. Segundo Carvalho (2010, p. 64) “em sala de aula, muitas das barreiras podem ser enfrentadas e superadas graças a criatividade e a vontade do professor que se percebe como profissional da aprendizagem em vez de ser a tradicional profissional do ensino”.

Desse modo, o professor que atua em uma sala de alunos com necessidades educacionais especiais deve estar preparado em relação às práticas pedagógicas inclusivas, para que os alunos não se sintam excluídos da sociedade educacional. Diante dessa perspectiva foi perguntando quais as práticas pedagógicas utilizadas com o aluno autista, que favorecessem a participação dele nas atividades de sala de aula. Foi respondido pela professora que ainda ela estava na fase de experimentação e descobertas, mas já utilizava recursos didáticos concretos como: tangram, ábaco, material dourado etc. Também, respondeu que inseria o aluno com TEA nas apresentações dos trabalhos de sala de aula e da biblioteca. A referida professora alegou que seu aluno tinha interesse de copiar as atividades de sala de aula, contudo, a dificuldade estava em respondê-las, pois, só respondia se fosse acompanhado por alguém, na maioria das vezes por ela. Nesse momento, o aluno não aceitava ajuda de outro colega de classe, e, quando aceitava, escolhia a pessoa que ele queria que lhe ajudasse. Fato a destacar é que o aluno com TEA, não aceitava fazer nenhuma atividade diferenciada, pois, esta, tinha que ser igual à dos colegas, esclarece a professora. CARVALHO, (2010, p.65) ressalta que, “[...], educadores que se identificam como profissionais da aprendizagem transformam suas salas de aula em espaços prazerosos onde, tanto eles como alunos, são cúmplices de uma aventura que é o aprender, o aprender a aprender e o aprender a pensar”.

Diante disso, pode-se dizer que a interação do aluno autista com os outros alunos é de suma importância para seu aprendizado, dando conta de que, o aluno observado, interage com os outros alunos da maneira dele, na hora das atividades procura fazer o que os outros estão fazendo. Foi observada a hora da leitura livre e cada aluno escolhia um livro na biblioteca móvel, e, o aluno com TEA ficava observando os colegas pegarem seus livros, e, em seguida escolhia um livro, folheava e via qual era o de seu interesse. Ele não escolhia aleatoriamente, quando não conseguia escolher sozinho pedia ajuda a seus colegas. Sendo esta uma das práticas utilizadas pela professora: deixá-lo à vontade para escolher seu livro, para despertar o seu interesse e curiosidade e dar-lhe o direito de autonomia.

Sabe-se que não é fácil a inclusão do aluno com TEA na sala de aula, mesmo que a professora já tenha tido outro aluno na mesma situação ou parecida. Cada caso é um caso diferente e a professora deve estar sempre se qualificando diante de uma formação continuada para melhor entender e atender a esse aluno, e, assim, proporcionar uma educação de qualidade. Foi percebido que o aluno observado se socializava com o outro na medida do possível e esse convívio fazia com que ele se sentisse numa situação de conforto, e, assim, melhor convive em sociedade.

Diante dos direitos obtidos na nova Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que entrou em vigor em 02 de janeiro de 2016, existem punições para atos discriminatórios e segurança na oferta educacional inclusiva em todos os níveis e modalidades de ensino. Foi estabelecida a adoção de um projeto pedagógico que institucionalizasse o atendimento educacional especializado, oferecendo profissionais de apoio para o trabalho pedagógico. Além disso, fica proibido de as escolas particulares cobrarem valores adicionais por esses serviços. Também devem ser adotadas práticas pedagógicas inclusivas, por meio de programas de formação inicial e continuada de professores, para o atendimento educacional especializado, sendo dever do Estado, da família, da comunidade escolar e da sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação (BRASIL, 2015).

Diante dessa lei pode-se afirmar que grandes avanços ocorreram, entretanto, é bom verificar se, de fato, está sendo colocada em prática, como já fora dito anteriormente: muito bonita no papel, mas, na prática, o que se vê é bem diferente, pois, foi observado que a professora com dois alunos com deficiência não contava com o apoio de outros profissionais em sua sala. Com clareza Ainscow (1997, p.16) afirma que o mais importante recurso em sala de aula é o próprio aluno:

em cada sala os alunos representam uma fonte rica de experiência, de inspiração, de desafios e de apoio que, se for utilizada, pode insuflar uma imensa energia adicional às tarefas e atividades em curso. No entanto, tudo isto depende da capacidade do professor em aproveitar essa energia. [...] os alunos têm a própria aprendizagem. [...] aprendizagem é, em grande medida, um processo social.

Diante dessa perspectiva foi perguntado à professora: pensando na inclusão do aluno com TEA na sala de aula do ensino regular, quais as dificuldades que você aponta na convivência escolar? A resposta obtida foi que, sem dúvida alguma, as dificuldades encontradas são por parte dos adultos e não das crianças, pois, o grau do transtorno permitia o contato e entendimento com os demais alunos. Ficava evidente, no relato da professora, que o seu aluno era querido pelos outros alunos, visto que, era notável nos momentos de trabalhos em grupo, todos queriam participar junto a ele. Dessa forma, o convívio social com os demais alunos ajudava bastante a sua aprendizagem.

A vivência, o aconchego e a interação dos alunos, junto ao aluno com transtorno do autismo, eram importantes para o seu desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem. Para tanto, era preciso que a professora tirasse proveito de tudo que acontecesse no cotidiano escolar, para criar práticas que motivassem o aluno a participar da aula com satisfação, um primeiro passo é o professor escutar o aluno para melhor entender e conhecer esse educando, buscando respostas, também, no conhecimento de mundo que traz para a escola.

### **Adaptações para a inclusão dos alunos com transtorno de espectro autista**

O professor da escola regular deve estar aberto para fazer adaptações curriculares incluindo práticas pedagógicas que venham a oferecer respostas às necessidades de cada aluno, como estamos falando de aluno com TEA, observado. Carvalho (2010 p. 86), reforça essa ideia dizendo que

Na verdade, adaptações curriculares de acesso são usadas espontaneamente por todos os professores e para todos os alunos, segundo a criatividade do professor os procedimentos de ensino em sala de aula. No entanto, alguns alunos requerem adaptações de acesso, intencionalmente planejadas.

Como o aluno observado é preciso à ajuda na hora de responder as atividades por falta de segurança dele. A professora o ajuda, mas sente dificuldade de manter o restante da turma em ordem devido não ter um professor de apoio em sala de aula. Diante disso, é relevante destacar que, pelo fato de que o aluno prefere participar das mesmas atividades dos outros alunos, quase nada de adaptações eram providenciadas pelo professor em sala de aula.

## **Considerações finais**

A presente pesquisa buscou informações para a construção deste artigo científico, por meio de um estudo de caso, utilizando-se da observação em sala de aula regular e de entrevistas, no intuito de observar as práticas pedagógicas inclusivas utilizadas por uma professora diante do processo de ensino- aprendizagem e inclusão educacional de um aluno com TEA, significando um grande aprendizado durante a formação inicial no curso de Pedagogia.

Para atingir os objetivos foi preciso ir à escola, campo de observação, durante 12 dias letivos na sala de aula de um aluno com esse transtorno. Na observação das práticas pedagógicas efetivadas com este aluno foi possível entender, um pouco, que o TEA, de grau leve, não apresenta na pessoa tantas dificuldades de interação, principalmente, pelas características, que não impedem o fácil envolvimento com os outros alunos e com a professora. Em tão pouco tempo de observação do aluno, estudo de caso, e dos momentos de entrevista com a professora, a coordenação pedagógica e familiares foi possível verificar que aluno não necessitava de tantas práticas diferenciadas. No entanto, pelo fato de não gostar de atividades diferentes dos demais alunos, os educadores não podiam deixar essa questão a desejar. Isso se explica quando foi percebido que o aluno não conseguia responder as atividades demonstrando insegurança e necessidade da presença constante do professor nas atividades. Foi possível observar a ausência de conhecimento mais específico do transtorno apresentado por Mário e que essa realidade era nova para ela, pois, relatou que tinha muita dificuldade em saber como agir diante do aluno com TEA. Havia, também, dificuldades na interação entre escola e família.

Durante as observações foi percebido que a professora, ao desenvolver uma atividade, explicava o conteúdo, aplicava a atividade e corrigia, na hora de responder a professora auxiliava o aluno autista para que ele respondesse em voz alta. Depois, ela pedia que ele copiasse a resposta no caderno. Notava-se, a professora um pouco apreensiva diante dos alunos, pois, estes esperavam a resposta de Mário para responder as suas atividades. Percebeu-se, portanto, que pensava que não podia retirá-lo da sala nas horas de avaliação, pois estaria excluindo tal aluno. Esse fato fez com que pedisse ajuda à coordenação pedagógica, mas não recebeu o apoio que esperava.

Como já comentado anteriormente a prática mais utilizadas pela professora era a exposição de livros, realização de leituras e atividades no quadro, porém, foi notória a falta

de práticas com recursos visuais que despertassem a atenção e o interesse do aluno com TEA. Durante as atividades em grupo o aluno com o transtorno autista escolhia com quem queria fazer seu trabalho e a professora estimulava a interação com os colegas por meio de atividade teatral, na semana literária, o que leva a pensar numa prática pedagógica inclusiva. Mesmo agindo assim, a professora acabava utilizando-se das mesmas práticas pedagógicas no desenvolvimento dos conteúdos com todos os alunos. Pelo fato de o aluno com TEA ser alfabetizado e acompanhar, em parte, a turma foi possível perceber que a professora utilizava-se de práticas pedagógicas voltadas para a tendência tradicional de ensino, cuja atuação do professor restringe-se a mero transmissor de conhecimentos. Fato a destacar é que, mesmo o aluno com TEA não demonstrar interesse em realizar atividades diferenciadas, a professora não fica de mãos atadas, ela procura sempre estar informada sobre o assunto e procurando formas que venha a contribuir diante de práticas pedagógicas inclusivas para melhor fazer com que seu aluno tenha um bom desenvolvimento no processo de ensino e aprendizagem.

## REFERÊNCIAS

AINSCOW, Mel. Educação para todos: Torná-la uma realidade. In: **Caminhos para escolas inclusivas**, Lisboa: Ministério da Educação, 1997.

AQUINO, Thayane. **Inclusão e exclusão social**. Disponível em: <sinasocial.blogspot.com.br: sinasocial.blogspot.com.br> Acesso em 10 de maio de 2016.

BAPTISTA, Claudio Roberto; BOSA, Cleonice. **Autismo e educação**: reflexões e propostas de intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 13- 23.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112764.htm)>. Acesso em: 27 de abril de 2016.

\_\_\_\_\_. Planalto do governo, Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm). Acesso em abril de 2016.

CARVALHO, Rosita Edler. **Removendo barreira para a aprendizagem**: educação inclusiva. Porto Alegre, RS: Mediação, 2010.

GIL, Antonio Carlos. (2010, p. 118 e 120). **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas.

\_\_\_\_\_. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1987.

GLAT, Rosana; BLANCO, Lua. Maria. Educação Especial no Contexto de uma Educação Inclusiva. In: GLAT, Rosana. (org.). **Educação Inclusiva**: cultura e cotidiano escolar. Rio de Janeiro, Letras, 2007, pp. 15-35.

JUNIOR, Walter Camargos. **Que grau de Autismo meu filho tem?** Entenda o Autismo de Alto e Baixo Funcionamento. Disponível em: <<http://www.reab.me/que-grau-de-autismo-meu-filho-tem-entenda-o-autismo-de-alto-e-baixo-funcionamento/>>. Acesso em: 24 de abril de 2016.

MARI, Jair de Jesus. **O que é autismo ou transtornos do espectro autista**. Disponível em: <<http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/o-que-e-autismo/>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos et al. **Inclusão**: compartilhando saberes. Petrópolis RJ: vozes, 2006.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Educação Especial no Brasil**: História e Políticas Públicas. São Paulo: Cortez, 1999.



MENESES, Ebenezer Takuno; SANTOS, Thais Helena dos. **Verbetes Declaração de Salamanca**. Disponível em:<<http://www.educabrasil.com.br/declaracao-de-salamanca/>>. Acesso em abril de 2016.

RAMOS, Rossana. **Inclusão na prática**: estratégias eficazes para a educação inclusiva. São Paulo: Summus, 2010.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Terminologia sobre deficiência na era da inclusão**. Disponível em:< <http://www.selursocial.org.br/terminologia.html>>. Acesso em 01 de maio de 2016.